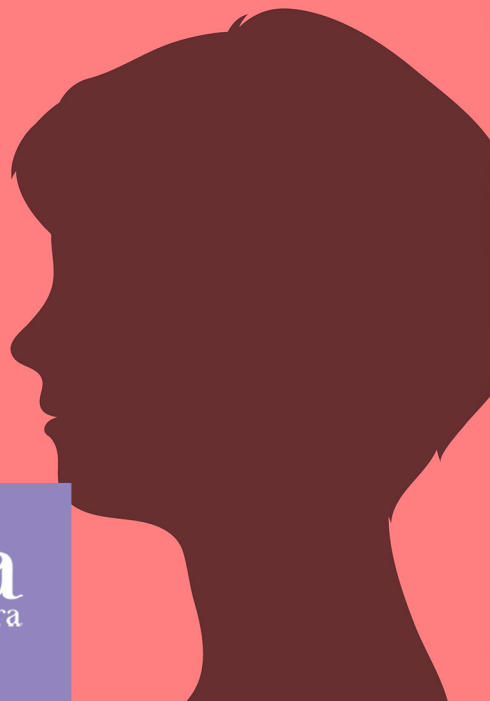


DISCUSSÕES INTERDISCIPLINARES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora

Ano 2020

DISCUSSÕES INTERDISCIPLINARES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D611 Discussões interdisciplinares no campo da ciências sociais aplicadas
1 [recurso eletrônico] / Organizador Carlos Antonio de Souza
Moraes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-945-5

DOI 10.22533/at.ed.455202101

1. Ciências sociais. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social.
I. Moraes, Carlos Antonio de Souza.

CDD 300.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Obra “Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Sociais Aplicadas” objetiva promover o debate científico através de problematizações totalizando 50 capítulos. De forma geral, a obra tem, predominantemente como linha condutora, o tema da desigualdade social e das políticas públicas. A desigualdade abordada, em alguns capítulos, a partir do debate em espaços urbanos e rurais, problematizando nestes espaços, a participação de sujeitos sociais, com destaque para as mulheres, assistentes sociais, profissionais de educação, estudantes, trabalhadores rurais, homossexuais, imigrantes, dentre outros. Tais estudos foram desenvolvidos em instituições de ensino e pesquisa de diferentes regiões do Brasil, que apresentam análises pautadas em relevância acadêmica e impacto social, possibilitando-nos sua categorização em 2 volumes e 10 blocos, a saber:

O primeiro bloco do volume 1, compreendido entre o capítulo 01 e 09, problematiza a desigualdade social, as migrações contemporâneas e as políticas públicas; o segundo, organizado entre os capítulos 10 e 14 aborda temas vinculados ao trabalho precário, suas implicações para a saúde dos trabalhadores, além do exercício profissional de assistentes sociais em hospital. Posteriormente, o bloco 03, problematiza, entre os capítulos 15 e 19, a violência obstétrica, sexual, psicológica e física sofrida por mulheres, bem como, aborda, a qualidade de vida de estomizados. O bloco 04 discute, entre os capítulos 20 e 23, a gestão estratégica e o diagnóstico organizacional centrados no reconhecimento institucional, na eficiência administrativa e no capital psicológico.

O bloco 05 do volume 2, compreendido entre os capítulos 01 e 12 apresenta significativas contribuições sobre o debate da cidade, do planejamento urbano, da mobilidade urbana e da segurança pública. O bloco 06 aborda, entre os capítulos 13 e 16, o rural, as práticas e a produção agrícola. O bloco 07, compreendido entre os capítulos 17 e 18, discute a agroindústria e o agronegócio da avicultura; O bloco 08, problematiza entre os capítulos 19 e 23, elementos vinculados a educação básica, ao ensino médio, técnico e superior. Posteriormente, o bloco 09 apresenta, entre os capítulos 24 a 26, estudos que mediam o debate da educação com a cultura, além daqueles relacionados à arte, a diplomacia midiática e o jornalismo internacional; Por fim, o bloco 10, organizado no capítulo 27, recorre a sociologia da arte, para reconstruir a trajetória de juventude do poeta e intelectual, Ferreira Gullar.

Para construção dos capítulos, metodologicamente, os autores recorreram a pesquisas bibliográficas, empíricas, estudos de caso, dentre outros, a fim de contribuir para descortinar aparências e fundamentar o conhecimento de todos aqueles que se interessam pelos temas ora apresentados.

Por fim, o livro que o leitor tem em mãos, merece sua leitura atenta e cuidadosa,

capaz de germinar novas perguntas de pesquisa e contribuir para construção de novos tempos, por meio do enfrentamento da desigualdade social e do fortalecimento da democracia, da justiça social, dos direitos humanos, da política pública e do empenho no enfrentamento da violência e da discriminação, temas abordados ao longo deste volume e que nos desafiam para a tarefa de repensar o mundo.

Carlos Antonio de Souza Moraes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: DIREITOS HUMANOS E INSERÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO REGIONAL DO VALE DO PARANHANA (RIO GRANDE DO SUL, BRASIL)	
Aleteia Hummes Thaines Daniel Luciano Gevehr Dilani Silveira Bassan	
DOI 10.22533/at.ed.4552021011	
CAPÍTULO 2	14
ANÁLISE PADRONIZADA DO IDHM NA AMAZÔNIA LEGAL NO FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI	
Aline dos Santos Pimentel Abner Vilhena de Carvalho Rhayza Alves Figueiredo de Carvalho Jarsen Luis Castro Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.4552021012	
CAPÍTULO 3	26
UMA COMPARAÇÃO DE POBREZA, CRESCIMENTO E DESIGUALDADE ENTRE AS MESORREGIÕES METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE E ZONA DA MATA	
Stela Rodrigues Lopes Gomes Matheus Gomes do Carmo de Souza Alex Eugênio Altrão de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.4552021013	
CAPÍTULO 4	46
A PERSPECTIVA DA POBREZA NA CAMPANHA DE ACM NETO DE 2012 E AS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO	
Daniele do Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4552021014	
CAPÍTULO 5	66
FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO E “CRISE FISCAL” NA RECESSÃO DE 2015 E 2016: UMA ABORDAGEM NEOCARTALISTA	
Luiz Alberto Marques Vieira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.4552021015	
CAPÍTULO 6	88
POLÍTICAS PÚBLICAS DE SEGURIDADE SOCIAL: A NECESSIDADE DE AMPLIAÇÃO DA PROTEÇÃO SOCIAL COMO FORMA DE CONCRETIZAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	
Priscilla Paola Severo Clovis Gorczewski	
DOI 10.22533/at.ed.4552021016	

CAPÍTULO 7	101
ACESSO DO PEQUENO PRODUTOR RURAL DO MUNICÍPIO DE GODOY MOREIRA /PR, À APOSENTADORIA POR IDADE NA CONDIÇÃO DE SEGURADO ESPECIAL NO REGIME GERAL DA PREVIDÊNCIA SOCIAL	
Huama Maximo Elizete Conceição Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4552021017	
CAPÍTULO 8	112
UNIÃO HOMOAfetiva: DO PATRIARCALISMO À LEGALIZAÇÃO	
Marina Quirino Itaborahy Julie Affoso Novaes Victória Penha de Oliveira Fernanda Lourenço da Silva Gustavo Schaper Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4552021018	
CAPÍTULO 9	126
A MATERIALIDADE DAS EXPRESSÕES DA “QUESTÃO SOCIAL”: UMA ANÁLISE DO ENCARCERAMENTO FEMININO A PARTIR DO CENTRO DE REEDUCAÇÃO FEMININO “MARIA JÚLIA MARANHÃO” EM JOÃO PESSOA/PB	
Camila Luana Teixeira Freire Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.4552021019	
CAPÍTULO 10	137
MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DOS VALORES CULTURAIS DE UMA ORGANIZAÇÃO ATRATIVOS PARA ÀS MULHERES	
Inácio Ferreira Façanha Neto Josanne Cristina Ribeiro Ferreira Façanha	
DOI 10.22533/at.ed.45520210110	
CAPÍTULO 11	151
TRABALHO PRECARIZADO: OS EFEITOS NA SAÚDE DA CLASSE TRABALHADORA	
Jéssica Pereira Cosmo da Silva Larissa dos Santos Ferreira Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.45520210111	
CAPÍTULO 12	162
O ADOECIMENTO DO TRABALHADOR E DA TRABALHADORA FABRIL EM TEMPO DE NOVA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS USUÁRIOS DO CEREST/JP	
Jéssica Pereira Cosmo da Silva Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.45520210112	

CAPÍTULO 13 174

COMPLIANCE: ENFRENTAMENTO DAS PATOLOGIAS CORRUPTIVAS E RESPONSABILIZAÇÃO DAS EMPRESAS PELA CADEIA PRODUTIVA NO MUNDO DA MODA

Maira Angélica Dal Conte Tonial
Jacson Bacin Vicente

DOI 10.22533/at.ed.45520210113

CAPÍTULO 14 186

A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL NO HOSPITAL GERAL DE TAPEROÁ: UM ESTUDO DE CASO

Roberta Clévia Malaquias de Oliveira
Anarita de Souza Salvador
Kátia Gerlânia Soares Batista

DOI 10.22533/at.ed.45520210114

CAPÍTULO 15 196

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA ANÁLISE JURÍDICA

Edinilza da Silva Machado Medeiros
Andréia de Oliveira Silva
Carlana Faria Rocha
Flávio Marcelo Rodrigues Bruno

DOI 10.22533/at.ed.45520210115

CAPÍTULO 16 205

PREVALÊNCIA DOS TIPOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA AO LONGO DA VIDA E NOS ÚLTIMOS 12 MESES: ESTUDO EM UMA MATERNIDADE

Bruna Venturin
Franciéle Marabotti Costa Leite
Dherik Fraga Santos
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Mariana Zoboli Ambrosim
Luíza Eduarda Portes Ribeiro
Jasmine Cristina Soares Xavier
Maria Luiza Cunha Santos
Joyce Ferreira Reis
Solange Drummond Lanna

DOI 10.22533/at.ed.45520210116

CAPÍTULO 17 215

PREVALÊNCIA DOS TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA CONTRA MULHER

Mayara Alves Luis
Franciéle Marabotti Costa Leite
Ranielle de Paula Silva
Karina Rosa Paiva
Tamires Paulo Ceccon
Karina Fardin Fiorotti
Dherik Fraga Santos
Odelle Mourão Alves
Getúlio Sérgio Souza Pinto

DOI 10.22533/at.ed.45520210117

CAPÍTULO 18 225

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER PERPETRADA PELO PARCEIRO ÍNTIMO NA VIDA E NO ÚLTIMO ANO

Franciéle Marabotti Costa Leite
Ranielle de Paula Silva
Mayara Alves Luis
Odelle Mourão Alves
Letícia Peisino Buleriano
Sthéfanie da Penha Silva
Gracielle Pampolim
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Fábio Lúcio Tavares

DOI 10.22533/at.ed.45520210118

CAPÍTULO 19 236

QUALIDADE DE VIDA DE ESTOMIZADOS: UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Maurício Almeida
Mauro Lúcio de Oliveira Júnior
Rodrigo Silva Nascimento
Keveenrick Ferreira Costa
Priscila Figueiredo Campos

DOI 10.22533/at.ed.45520210119

CAPÍTULO 20 251

MEDIAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: UMA OPÇÃO À AMPLIAÇÃO DA EFICIÊNCIA ADMINISTRATIVA

Fernanda Schuhli Bourges

DOI 10.22533/at.ed.45520210120

CAPÍTULO 21 266

GESTÃO ESTRATÉGICA E ORGANIZACIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE EMPRESAS DOS SETORES FINANCEIRO E CERÂMICO

Andrey Teixeira
César Niero
Eduardo de Sousa Gaspar
Eduardo Pavan Rodrigues
Hildebrando da Rocha de Souza Neto
Ian Nunes
Jean Bergmam
João Vitor Correa Bressan
Larissa Pereira
Lucas Buratto
Marcelo Henrique Antonin
Richardy Willian Felisberto

DOI 10.22533/at.ed.45520210121

CAPÍTULO 22 284

GUIA ELETRÔNICO DESCRITIVO DAS ATRIBUIÇÕES E ATIVIDADES EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA CURITIBA/PR DESCRIPTIVE ELECTRONIC GUIDE OF DUTIES AND ACTIVITIES IN A PUBLIC INSTITUTION CURITIBA/PR

Patricia de Matos

DOI 10.22533/at.ed.45520210122

CAPÍTULO 23	290
CARACTERIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS SOBRE CAPITAL PSICOLÓGICO (<i>PSYCAP</i>)	
Valeria Araujo Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.45520210123	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	309
ÍNDICE REMISSIVO	310

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER PERPETRADA PELO PARCEIRO ÍNTIMO NA VIDA E NO ÚLTIMO ANO

Data de aceite: 06/01/2020

Fábio Lúcio Tavares

Doutor em Enfermagem (UFRJ). Professor do Departamento de Enfermagem – UFES. Vitória, Espírito Santo.

Franciéle Marabotti Costa Leite

Doutora em Epidemiologia (UFPEL). Professora do Departamento de Enfermagem - UFES. Vitória, Espírito Santo.

Ranielle de Paula Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFES. Vitória, Espírito Santo.

Mayara Alves Luis

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFES. Vitória, Espírito Santo.

Odelle Mourão Alves

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Enfermagem – UFES. Vitória, Espírito Santo.

Letícia Peisino Buleriano

Acadêmica de Enfermagem – UFES. Vitória, Espírito Santo.

Sthéfanie da Penha Silva

Especialista em Gestão da Saúde, Saúde da Família e Atenção Integral a Família. Assistente Social da Prefeitura de Vila Velha e Serra, Espírito Santo.

Gracielle Pampolim

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFES. Vitória, Espírito Santo.

Márcia Regina de Oliveira Pedroso

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFES, Vitória, Espírito Santo. Professora do Centro das Ciências Biológicas e da Saúde – UFOB, Barreiras, Bahia.

RESUMO: Introdução: A violência perpetrada pelo parceiro íntimo é o tipo mais comum de violência contra a mulher, sendo a do tipo psicológica a mais difícil de ser identificada, porém a mais frequente. **Objetivo:** Identificar as prevalências dos tipos de violência psicológica contra a mulher praticada pelo parceiro íntimo na vida e no último ano. **Método:** Estudo descritivo, realizado em uma maternidade de baixo risco, em um município da Grande Vitória, Espírito Santo. Foram entrevistadas 330 puérperas entre os meses de agosto e outubro de 2017. **Resultados:** Ao longo da vida e nos últimos 12 meses dentre os tipos de violência psicológica foram mais prevalentes o insulto ou o fato das mulheres sentirem-se mal sobre si mesmas pelo parceiro, a humilhação praticada pelo companheiro na frente de outras pessoas, assim como a intimidação de propósito. Menos prevalente foi a ocorrência de ameaça do parceiro à mulher ou alguém de quem ela gostasse. **Conclusão:** A mulher vivência diferentes tipos de violência psicológica por parceiro íntimo. Esse agravo é pouco visível, sendo necessárias ações de enfrentamento e de educação efetiva para as mulheres, bem

como, o fortalecimento da rede de cuidado visando prevenir, proteger e promover o rompimento da violência contra a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Violência doméstica. Maus-tratos conjugais. Violência contra a mulher. Violência por parceiro íntimo.

1 | INTRODUÇÃO

A violência é uma questão sociocultural complexa, de grande magnitude e impactos sociais, reconhecida como um relevante problema de saúde pública, podendo ser perpetrada em múltiplos contextos, principalmente nos cenários de injustiças e discriminações (KRUG, *et al*, 2002). Dentre as várias configurações desse agravo, a violência contra a mulher tem recebido destaque em razão da sua magnitude e consequências devastadoras. Estima-se que 1/3 das mulheres já sofreram alguma forma de violência ao longo da vida, sendo comumente, o perpetrador do ato violento uma pessoa conhecida da vítima. (OMS, 2015)

Conceitualmente, a violência contra a mulher é definida como qualquer agressão que tenha como base o gênero e que cause ou tenha possibilidade de causar, por ato ou omissão, morte ou dano físico, sexual ou psicológico à mulher (FRANZOI; FONSECA; GUERRES, 2011). A violência de gênero ocorre a partir da superioridade dos homens imposta socialmente, por anos, sobre as mulheres, que resulta em uma relação desigual de poder e traduz a violência contra a mulher em um fenômeno multifatorial e completo que envolve a interação de aspectos individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais (SOUZA, *et al*, 2012; GARCIA; FREITAS; HÖFELMANN, 2013; OMS 2015).

Vale destacar que a violência doméstica, em especial a perpetrada pelo parceiro íntimo, constitui o tipo mais comum de violência contra a mulher, sendo responsável por quase 60% de todos os casos de agressão, segundo o Mapa da violência contra a mulher no Brasil, publicado em 2018 (BRASIL, 2018). Outro fato digno de nota, é que quando perpetrada pelo parceiro íntimo, a violência contra a mulher tende a apresentar um caráter ascendente em nível de gravidade e repetição (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 2002).

No contexto das violências domésticas, define-se violência psicológica como toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa e inclui ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, provocando o afastamento de amigos e familiares (BRASIL, 2001). Esse tipo de violência é a mais difícil de ser identificada, apesar de ser bastante frequente (SOUSA, 2019).

No Brasil, as prevalências das violências variam de acordo com a região, sendo

que a maioria dos estudos aponta a violência psicológica como mais frequente (LEITE, *et al*, 2017; BARROS, *et al*, 2016; SCHRAIBER, *et al*, 2007; KRONBAUER; MENEGHEL, 2005). Estudo realizado em Recife, Pernambuco, foi encontrada a prevalência de 42,0% de violência psicológica (SILVA, *et al*, 2011). Já em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a prevalência de violência psicológica foi de 55,0% (KRONBAUER; MENEGHEL, 2005). Na cidade de Vitória, Espírito Santo, estudo realizado em 26 unidades de saúde demonstrou a prevalência de 25,3% de violência psicológica entre as mulheres usuárias dos serviços de atenção primária de saúde, seguida da violência física e sexual (LEITE, *et al*, 2017).

A violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública, em razão dos impactos que este evento apresenta sobre a saúde das vítimas. Vivenciar a violência pode levar a mulher a ter diversos agravos como estresse, ansiedade, incapacidades, traumatismos, abusos de substâncias químicas e até o óbito (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 2008; MOZZAMBANI, *et al*, 2011; D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2013), sendo que tais repercussões, especialmente as psicológicas, podem se manter por muito tempo mesmo após a cessação dos episódios violentos (D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2013).

Dessa maneira, os profissionais que atuam nos serviços de saúde, em seus variados níveis de atenção, têm um papel de grande relevância para a quebra do ciclo da violência, implicando na redução dos índices epidemiológicos, tanto no que se refere a identificação, acolhimento, escuta, atendimento humanizado às vítimas e articulação com a rede, quanto no que se refere ao levantamento de dados que venham a contribuir com os Sistemas de Informação de Saúde para melhor compreensão da violência em cada território (DELZIOVO; OLIVEIRA; LUIZ, 2014).

Neste sentido, considerando a importância do enfrentamento da violência contra a mulher e a necessidade de dados que possam melhor esclarecer a problemática da violência psicológica nessa população, o presente estudo teve por objetivo identificar as prevalências dos tipos de violência psicológica contra a mulher praticada pelo parceiro íntimo na vida e no último ano.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa do tipo, epidemiológica descritiva, foi realizada de agosto a outubro de 2017, em uma maternidade pública da grande Vitória, Espírito Santo. Participaram 330 puérperas internadas na referida maternidade, que tiveram parceiro íntimo nos últimos 12 meses e que tinham no mínimo de 24 horas de pós-parto de feto vivo. Como parceiro íntimo, define-se o companheiro ou ex-companheiro, independente de união formal, e namorados atuais, desde que mantendo relações sexuais.

Após serem convidadas a participar as mulheres assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e a entrevista acontecia em local privativo da maternidade sendo a entrevistadora do sexo feminino, previamente treinada para a coleta de dados. Ao final de cada entrevista, as participantes recebiam um folder explicativo contendo os serviços de atendimento a mulher vítima de violência.

O formulário de coleta de dados apresentava informações sobre as características sociodemográficas das mulheres: faixa etária (14-20 anos, 21-30 anos e 31 anos ou mais); raça/cor (branca, preta/parda, amarela/índigena); escolaridade (0 a 4 anos, 5 a 11 anos, 12 anos ou mais) e situação conjugal (solteira, namorando e casada/união consensual). Características reprodutivas: menarca (Até 12 anos, 13 – 14 anos, 15 anos ou mais); coitarca (até 15 anos, 16 – 17 anos, 18 anos ou mais); número de filhos (1, 2, 3 ou mais); e, realização do pré-natal (não e sim).

A fim de investigar os tipos de violência psicológica perpetradas pelo parceiro íntimo ao longo da vida e nos últimos 12 meses foi aplicado o instrumento formulado pela Organização Mundial de Saúde e validado para uso no Brasil, intitulado: “World Health Organization Violence Against Women (WHO VAW)” (SCHRAIBER, 2010).

Através do pacote estatístico STATA 15.0, os dados foram analisados de forma descritiva em análise univariada, e apresentados em frequência bruta, relativa e seus intervalos de confiança.

Esse projeto aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo (Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012).

3 | RESULTADOS

A tabela 1 apresenta a caracterização sociodemográfica e reprodutiva da amostra. Observa-se que 49,1% tinham entre 21 e 30 anos de idade e a grande maioria (81,8%). Aproximadamente 66,0% tinham de 5 a 11 anos de estudo e 80,3% vivia com o companheiro. Em relação às características reprodutivas, observa-se que metade das participantes teve a menarca antes dos 12 anos (50,0%) e, no que diz respeito à coitarca, em cerca de 54,0% das vezes aconteceu aos 15 anos de idade. Cerca de 44,0% das participantes tinham um filho e quase a totalidade (95,8%) fez o pré-natal.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica e reprodutiva das 330 mulheres internadas em uma maternidade pública. Cariacica, Espírito Santo, agosto a outubro de 2017.

Variáveis	N	%	IC 95%
Faixa Etária			
14-20 anos	104	31,5	26,7 – 36,7
21-30 anos	162	49,1	43,7 – 54,5
31 anos ou mais	64	19,4	15,5 – 24,0
Raça/Cor			
Branco	40	12,1	9,0 – 16,1
Preto/Pardo	270	81,8	77,3 – 85,6
Amarela/Indígena	20	6,1	3,9 – 9,2
Escolaridade (anos)			
0 a 4 anos	89	26,9	22,4 – 32,0
5 a 11 anos	217	65,8	60,4 – 70,7
12 ou mais	24	7,3	4,9 – 10,6
Situação Conjugal			
Solteira	47	14,2	10,9 – 18,5
Namorando	18	5,5	3,5 – 8,5
Casada/União Consensual	265	80,3	75,6 – 84,3
Menarca			
Até 12 anos	165	50,0	44,6 – 55,4
13 – 14 anos	116	35,1	30,2 – 40,5
>= 15 anos	49	14,9	11,4 – 19,1
Coitarca			
Até 15 anos	178	53,9	48,5 – 59,3
16 – 17 anos	86	26,1	21,6 – 31,1
>=18 anos	66	20,0	16,0 – 24,7
Número de filhos			
1	144	43,6	38,3 – 49,1
2	96	29,1	24,4 – 34,2
3 ou mais	90	27,3	22,7 – 32,3
Prê-natal			
Não	14	4,2	2,5 – 7,0
Sim	316	95,8	92,9 – 97,5

Quanto aos tipos de violência psicológica por parceiro íntimo é possível observar o mesmo padrão de ocorrência ao longo da vida e nos últimos 12 meses sendo que o tipo mais prevalente nos dois períodos foi o fato de serem insultadas ou sentirem-se mal sobre si mesmas pelo parceiro, 29,1% e 10,6% respectivamente. (Tabela 2)

Em relação aos outros tipos ao longo da vida verifica-se que 25,2% foram humilhadas na frente de outras pessoas, 23,0% foram assustadas ou intimidadas de propósito e 20,3% dos parceiros ameaçaram machucá-la ou alguém de quem ela gostasse. Já nos últimos 12 meses, nota-se que 9,4% foram humilhadas na frente de outras pessoas, 6,4% sentiram-se assustadas ou intimidadas de propósito e 5,8% dos parceiros ameaçaram machuca-la ou alguém de quem gostasse (Tabela 2).

Tabela 2 – Prevalências dos tipos de violência psicológica ao longo da vida e nos últimos 12 meses, praticada pelo parceiro íntimo. Cariacica, Espírito Santo, agosto a outubro de 2017. (N= 330)

Variáveis	Ao longo da vida			Nos últimos 12 meses		
	N	%	IC95%	N	%	IC95%
Foi insultada ou fez com que se sentisse mal a respeito de si mesma						
Não	234	70,9	65,7 – 75,6	295	89,4	85,6 – 92,3
Sim	96	29,1	24,4 – 34,2	35	10,6	7,7 – 14,4
Foi humilhada diante outras pessoas						
Não	247	74,8	69,8 – 79,2	299	90,6	86,9 – 93,3
Sim	83	25,2	20,7 – 30,1	31	9,4	6,7 – 13,1
Fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito						
Não	254	77,0	72,1 – 81,2	309	93,6	90,4 – 95,8
Sim	76	23,0	18,8 – 27,9	21	6,4	4,2 – 9,8
Ameaçou machucá-la ou alguém de quem você gosta						
Não	263	79,7	75,0 – 83,7	311	94,2	91,1 – 96,3
Sim	67	20,3	16,3 – 25,0	19	5,8	3,7 – 8,9

4 | DISCUSSÃO

A ocorrência de violência psicológica pode ser considerada como o tipo mais cruel entre aquelas que ocorrem no ambiente doméstico, pois possui efeitos irreparáveis durante um longo período ou por toda a vida da mulher (SOUZA; CASSAB, 2010). Esse fenômeno deve ser entendido como um evento que gera grande sofrimento psíquico e, em longo prazo, pode levar a danos como baixa autoestima, traumas e depressão nas mulheres vitimizadas (SIQUEIRA *et al*, 2018; GOMES *et al*, 2015; FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

A prevalência dos tipos de violência psicológica ao longo da vida, nesse estudo, variou de 20,3% a 29,1%, sendo mais frequentes os insultos. Nesse mesmo sentido, nos últimos 12 meses, de 5,8 a 10,6% das mulheres foram insultadas ou sentiram-se mal sobre si mesmas pelo parceiro. Esses dados corroboram com os encontrados por Moura *et al* (2009) e Kronbauer e Meneguel (2005) em que a prevalência dos insultos foi a maior dentre as formas de violência psicológica (ROSA *et al*, 2018).

Esses dados chamam atenção, sobretudo pela dimensão do fenômeno a que essas mulheres estão expostas, pois a violência psicológica inicia o ciclo da violência doméstica (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012), com pequenos e sutis atos violentos que ao longo de um período vão mudando de intensidade e frequência, possibilitando ao homem o controle sobre a mulher. (FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, 2006; SILVA; COELHO; CAPONI, 2007; FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Destaca-se que dentro de uma sociedade patriarcal e marcada pela

desigualdade nas relações de gênero, as mulheres vítimas de violência tendem a naturalizar e relativizar os abusos sofridos (KRONBAUER; MENEGHEL, 2005). Isso faz com que muitas mulheres percebam como não violentos atos como xingamentos, opressões e subordinações, dificultando a sua denúncia. (KRUG *et al.*, 2002). Nesse contexto, a violência psicológica é resultado da legitimação de uma dominação masculina sobre a mulher, e, acaba ocorrendo a naturalização e a flexibilização da aceitação das agressões não físicas como algo “natural” da relação, particularmente na relação conjugal (CUNHA, 2016). Além disso, o fato de não deixar marcas corporais leva esse tipo de abuso a ser considerado como uma violência negligenciada (SILVA; COELHO; CAPONI; 2007).

Quanto aos sentimentos vivenciados, observa-se que as vítimas de violência psicológica além do medo e sofrimento (GUIMARÃES *et al.*, 2018), devido as situações constantes de ameaças vivenciam a vergonha e a culpa. Além disso, vítimas de violência psicológica se tornam subestimadas pelo parceiro e por si mesmas assim como aumentam o padrão de submissão, pois temem a agressão física (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012; SILVA; COELHO; CAPONI; 2007; ZANCAN; WASSERMANN; LIMA, 2013).

No presente estudo, a prevalência das mulheres que receberam ameaças de serem machucadas ou ameaças de machucar alguém de quem elas gostassem, foi de 20,3% ao longo da vida e 5,8% nos últimos 12 meses. Estudo realizado em Montes Claros constatou que entre as mulheres que realizaram boletim de ocorrência contra o companheiro 41,3% delas foram ameaçadas verbalmente (LEITE *et al.*, 2014). Ainda, pesquisa realizada em Brasília encontrou entre os tipos de violência por parceiro íntimo maiores prevalências de ocorrência de insultos, intimidações e ameaças, 69%, 59% e 50% respectivamente (MOURA, 2009).

O medo da agressão funciona para o homem como estratégia de domínio e manipulação da mulher, mantendo silenciosamente a perpetração da violência. (ZANCAN; WASSERMANN; LIMA, 2013; SILVA; COELHO; CAPONI; 2007). Nessa perspectiva, a Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, criou mecanismos para proteger e amparar a mulher vítima de violência. Ampara-se na lei que nos casos em que o companheiro ameaça a integridade física da mulher pode ser preso em flagrante ou ser preso preventivamente (BRASIL, 2006).

Ainda, a literatura aponta por diversas vezes, a violência acontece na presença de entes queridos (GUIMARÃES *et al.*, 2018). Somando-se a isso, parceiros, frequentemente direcionam ameaças aos filhos causado medo e angústia nas mulheres (FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, 2006; FONSECA; LUCAS, 2006). Esse cenário evidencia que mesmo após avanços para se reconhecer a violência doméstica como problema relacionado à sociedade em geral, o poder familiar ainda a silencia, dificultando seu enfrentamento. (BANDEIRA, 2014),

bem como, as ameaças e intimidações pelo parceiro, desencadeia o isolamento social da vítima, deixando-as mais vulneráveis e com limitada rede de apoio e suporte social, sendo cada vez mais difícil o reconhecimento da violência pela mulher assim como o rompimento do ciclo (FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, 2006; FONSECA; LUCAS, 2006; RIBEIRO; COUTINHO, 2011).

Assim, o fato da maioria das mulheres procurarem os serviços de saúde em algum momento da sua vida traz em destaque à importância desse espaço na identificação e acompanhamento das mulheres em situação de violência (KRUG *et al.*, 2002). Muitas vezes as mulheres podem procurar atendimento por queixas clínicas que, na verdade, são decorrentes da agressão sofrida (SILVA, 2003).

Por isso, é necessário que ocorra a sensibilização e capacitação dos profissionais de saúde no rastreamento e monitoramento das vítimas de violência, para que a assistência vá além da abordagem clínica, incluindo o acolhimento e a escuta qualificada (LEITE *et al.*, 2017). Schraiber *et al.* (2007) defende que a identificação de casos agudos ou de caráter mais individual nas unidades básicas de saúde é fundamental para prevenção de formas mais graves de abuso.

Enfim, para o enfrentamento à violência contra a mulher é necessário criar um ambiente social que permita e promova a igualdade de gênero. Assim, campanhas de conscientização são essenciais para o reconhecimento e combate ao problema para que haja uma mobilização nas comunidades para o apoio às vítimas e quebra do ciclo de violência (HEISE, 2011). O espaço escolar é um grande aliado na constituição desse ambiente social mais igualitário, debatendo e dando condições para que as crianças cresçam com melhor capacidade de lidar com os relacionamentos e conflitos, com noções mais adequadas sobre as relações de poder e gênero entre os sexos (KRUG *et al.*, 2002).

Vale pontuar as possíveis limitações deste estudo, dentre elas o viés de memória, por se tratar de dados do passado da mulher, o que pode subestimar as prevalências das violências encontradas. Outro fator é o viés de informação, que pode ocorrer pelo constrangimento das mulheres vítimas de violência relatarem suas experiências de vida. No entanto, a fim de minimizar esse fator as entrevistas ocorreram em local privativo e por entrevistadoras do sexo feminino.

5 | CONCLUSÃO

Conclui-se que nesta pesquisa foi possível conhecer as prevalências dos tipos violência psicológica contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo sendo que ao longo da vida, a com maior frequência foi já ter sido insultada e sentir mal a respeito de si mesma (29,1%), seguida por ter sido humilhada diante outras pessoas (25,2%),

assustada ou intimidada de propósito (23,0%), e ameaçada de ser machucada ou alguém de quem gostasse (20,3).

A violência psicológica perpetrada pelo parceiro íntimo ainda é velada e pouco visível. Dessa forma, o reconhecimento desse agravo ainda é limitado, podendo levar uma incompreensão da gravidade dessa condição. Sendo assim, é importante estabelecer meios para identificação de vítimas violência psicológica nos serviços de saúde com o objetivo de estabelecer fluxo de cuidado à vítima de violência.

Torna-se necessária a reflexão sobre produzir ações de enfrentamento e de educação efetivas para essas mulheres, bem como o fortalecimento da rede de atenção às vítimas de violência visando prevenir, proteger e promover o rompimento da cíclica da violência contra a mulher.

6 | FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Edital FAPES/CNPq nº: 04/2017. Processo nº: 106/2017

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. M. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. Soc. estado, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, ago., 2014.

BARROS, E. N. et al. **Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 591-598, fev. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Nota: estupros em mulheres** [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016. 16 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Diário Oficial da União. 2006.

CUNHA, M. L. G. **A percepção social da violência psicológica contra a mulher. Estudo aplicado de um instrumento de pesquisa**. 2016. 124 f. Monografia (Especialização em Pesquisa de Mercado Aplicada em Comunicações) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CORTEZ, M. B.; SOUZA, L.; QUEIROZ, S. S. **Violência entre parceiros íntimos: uma análise relacional**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 10, n. 20, p. 227-243, dez. 2010.

DA FONSECA, D. H.; RIBEIRO, C. G.; LEAL, N. S. B. **Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais**. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 307-314, Ago. 2012.

D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; SCHRAIBER, L. B. **Mulheres em situação de violência: entre rotas críticas e redes intersetoriais de atenção**. Revista de Medicina, v. 92, n. 2, 2013.

DELZIOVO, C. R.; OLIVEIRA, C. S.; LUIZ, C. L. (Coord.). **Atenção a Homens e Mulheres em Situação de Violência por parceiros íntimos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

FONSECA, P. M., LUCAS, T. N. S. **Violência Doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) – Fundação Bahiana para o Desenvolvimento da Ciência, Salvador, 2006.

FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica**. Brasília, 2006.

FRANZOI, N. M.; FONSECA, R. M. G. S.; GUEDES, R. N. **Violência de gênero: Concepções de profissionais das equipes de saúde da família**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 19, n. 3, p. 589-597, 2011.

GARCIA, L. P.; FREITAS, L. R. S.; HÖFELMANN, D. A. **Avaliação do impacto da Lei Maria da Penha sobre a mortalidade de mulheres por agressões no Brasil, 2001-2011**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 22, n. 3, p. 383-394, 2013.

GOMES S. C., et al. **Análise de dados sociodemográficos de notificações de violência psicológica e moral**. S A N A R E, Sobral, v.14, n.02, p.51-58, jul./dez, 2015.

GUIMARÃES, R. C. S. et al. **Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil**. Rev Cuid v.9 n.1, Bucaramanga. Jan./Apr. 2018.

HEISE, L.L. **What works to prevent partner violence? An evidence overview**. London: London School of Hygiene and Tropical Medicine, 2011.

KRONBAUER, J. F. D; MENEGHEL, S. N. **Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 695-701, Out. 2005.

KRUG, E. G. et al. **World report on violence and health**. Geneva: WHO; 2002.

LEITE, T. S. L., et al. **Ocorrência de violência contra a mulher nos diferentes ciclos de vida**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 22, n.1, p. 85-92, jan-fev.2014.

LEITE F. M. C., et al. **Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 51, n. 33, 2017.

LUCENA KDT, et al. **Analysis of the cycle of domestic violence against women**. J Hum Growth Dev. v. 26, n.1, p. 139-146, 2016.

MOURA, L. B. A. et al. **Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 43, n. 6, p. 944-953, Dez. 2009.

MOZZAMBANI, A. C. F. et al. **Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica**. Revista psiquiátrica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 43-47, 2011.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Violência contra a mulher: estratégia e plano de ação para o reforço do sistema de saúde para abordar a violência contra a mulher**. Rio de Janeiro: WHO; 2015.

RIBEIRO, C. G., COUTINHO, M. P. L. **Representações Sociais de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica na Cidade de João Pessoa-PB**. Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 3, n. 1, p. 52-59, jan – jun 2011.

ROSA, D. O. A. et al. **Violência provocada pelo parceiro íntimo entre usuárias da Atenção Primária à Saúde: prevalência e fatores associados.** Rev Saúde debate, Rio de Janeiro, v. 42, n. spe4, p. 67-80, Dez. 2018

SCHRAIBER, L.B. et al. **Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 41, n. 5, p. 797-807, Oct. 2007.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. **Violência contra a mulher: pesquisa e intervenção.** Divulgação em Saúde para Debate, v. 3, n. 6, p. 80-83, 2002.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. **Violência contra mulheres e promoção dos direitos humanos: a contribuição do campo da saúde.** Divulgação em Saúde para Debate, n. 41, p. 47-55, 2008.

SILVA, I. V. **Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, sup. 2, p. S263-S272, 2003.

SILVA, E. P., et al . **Freqüência e padrão da violência por parceiro íntimo antes, durante e depois da gravidez.** Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 45, n. 6, p. 1044-1053, Dec. 2011.

SIQUEIRA V. B., et al. **Violência psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde.** Rev. APS. v. 21, n. 3, p. 437 - 449. jul/set, 2008.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica.** Interface, Botucatu , v. 11, n. 21, p. 93-103, abril, 2007.

SOUSA, T. C. C. et al. **Características de mulheres vítimas de violência sexual e abandono de seguimento de tratamento ambulatorial.** Cadernos de Saúde Coletiva, v. 27, n. 2, p.117-123, 2019.

SOUZA, H. L.; CASSAB, L. A. **Feridas que não se curam: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro.** IN: I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas, 2010.

SOUZA, E. R. **Estudo multicêntrico da mortalidade por homicídios em países da América Latina.** Ciência e Saúde Coletiva, v. 17, n. 12, p. 3183-3193, 2012.

ZANCAN, N.; WASSERMANN, V.; LIMA, G. Q. **A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas.** Pensando Famílias, Porto Alegre , v. 17, n. 1, p. 63-76, jul. 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acm Neto 46, 65

Administração pública 27, 34, 179, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 284, 285, 292, 297, 298, 306

Amazônia legal 14, 16, 20, 23, 24, 25

B

Bibliometria 290

C

Capital psicológico 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 300, 306, 307, 308

Ciências sociais aplicadas 88, 266, 267

Comportamento organizacional positivo 290, 291, 293, 294, 300, 306

Comunicação 10, 111, 159, 214, 217, 255, 259, 265, 284, 285, 286, 288, 289

Consenso 52, 54, 71, 251, 255, 256, 259, 261, 263

Crescimento 15, 16, 17, 18, 20, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 59, 67, 68, 69, 73, 143, 148, 165, 224, 268, 274, 276, 277, 289, 307

D

Delitos sexuais 215

Desenvolvimento 1, 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 30, 32, 33, 37, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 61, 63, 65, 69, 72, 86, 89, 95, 97, 98, 99, 101, 128, 141, 147, 148, 154, 158, 174, 176, 177, 180, 184, 185, 188, 196, 206, 226, 234, 240, 251, 265, 271, 274, 281, 282, 287, 291, 292, 293, 294, 295, 306

Desigualdade 5, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 38, 41, 42, 43, 44, 47, 49, 50, 128, 129, 131, 134, 210, 211, 222, 231

Direito penal e violência obstétrica 197, 198

Direitos das mulheres 197, 198

E

Educação 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 30, 43, 46, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 91, 95, 99, 100, 109, 111, 130, 133, 134, 140, 146, 149, 184, 195, 212, 214, 221, 225, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 249, 251, 283, 290, 303, 306

Eficiência 9, 30, 35, 39, 43, 49, 167, 251, 252, 253, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 272

Empresas atrativas 137

Enfrentamento da pobreza 46, 48

Engenharia de produção 266, 267, 282

Epidemiologia 196, 205, 206, 213, 215, 223, 225, 234

Estomizados 236, 237, 238, 240, 242, 245, 246, 248, 249

Estratégia 25, 52, 53, 55, 64, 83, 166, 184, 223, 231, 234, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 275, 276, 280, 281, 282

Exercício profiíssional 186

G

Gestão e mapeamento de processos 284

Guia descritivo de atividades 284

I

Industria cerâmica 267

L

Legalização 112, 113, 119, 122, 123

Longevidade 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24

M

Maus-tratos conjugais 205, 215, 226

Mediação 189, 251, 252, 255, 256, 259, 260, 261, 263, 265

Mercado financeiro 267, 273, 275

Mulheres no mercado de trabalho 137, 140, 143

N

Negação de direitos 135, 151

O

Organizacional 49, 137, 138, 141, 142, 146, 148, 149, 150, 155, 266, 267, 271, 272, 273, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 290, 291, 293, 294, 295, 296, 300, 303, 306, 307

Ostomia 236, 239, 249, 250

P

Participação 9, 26, 27, 34, 49, 91, 92, 110, 138, 140, 156, 184, 185, 217, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 259, 260, 261, 262, 263, 268, 272, 280, 281, 286

Patriarcalismo 112

Pesquisa qualitativa 53, 102, 143, 236, 240, 249, 272, 283

Pobreza 16, 17, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 128, 129, 133, 135, 136, 237

Política da saúde 186

Precarização do trabalho 151, 153, 172

Psicologia positiva 290, 291, 293, 294, 307

Psycap 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296

Q

Qualidade de vida 15, 17, 18, 32, 138, 146, 197, 211, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 250, 292

R

Renda 2, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 62, 63, 73, 79, 92, 134, 169, 170, 216

S

Saúde do trabalhador 151, 152, 153, 154, 157, 162, 163, 167, 168, 171, 172, 173

Serviço social 64, 126, 127, 136, 152, 160, 172, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 214, 309

U

União homoafetiva 112, 113, 114, 115, 117, 124, 125

V

Valores culturais 137, 138, 139, 141, 142, 144, 146, 148

Violência 95, 131, 134, 135, 136, 178, 182, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235

Violência contra a mulher 205, 206, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 222, 223, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 235

Violência de gênero 131, 197, 212, 213, 215, 219, 220, 222, 223, 226, 233, 234

Violência doméstica 206, 211, 212, 213, 214, 215, 219, 226, 230, 231, 233, 234, 235

Violência no parto 197, 198, 204

Violência obstétrica 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204

Violência por parceiro íntimo 205, 210, 214, 226, 231, 233, 235

 **Atena**
Editora

2 0 2 0